

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 42

PREÇO AVULSO 1 ESCUDO

12 PAGINAS

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631 N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.



"AS TRÊS GRAÇAS"
DA FESTA DOS MERCADOS

(Cliché Raul Reis, edição Domingo Ilustrado)

ECOS

Deputado...
por Paris

Não conhecemos o sr. dr. Antonio da Fonseca. Nunca lhe ouvimos um discurso, nem nunca lhe lêmos um livro.

Toda a gente porém diz que aquele antigo parlamentar é muito inteligente. Acreditamos piamente. E é por acreditarmos na sua intelligencia que não podemos tomar como fiéis as palavras que lhe atribue um nosso colega diário. Com o maior «sans façon» o nosso jovem ministro em Paris teria dito esta enormidade: «A legação em França deixa-me tempo sufficiente para ser deputado em Lisboa!»

Então a legação de Portugal no primeiro paiz do mundo é coisa que se acumule com um «fauteil» em S. Bento?

Então as centenas de problemas de toda ordem que exigem uma constante atenção da parte dum representante plenipotenciário não tomam o tempo todo e mais que fosse?

Pode á vontade o sr. dr. Antonio da Fonseca consultar todos os seus numerosissimos colegas do corpo diplomatico acreditado em Paris, que não encontra um só que seja deputado eleito e de assento obrigatorio nas camaras dos respectivos países. E, mesmo em Portugal, esse phenomeno de velocidade ainda não tinha apparecido, a não ser no «Deputado-Fantasma» que vóa do Chalet Alzira em Manteigas para Paris, e é invisivel a olho nú, em Lisboa.

O caso da caricatura do poeta Gomes Leal

Na nossa redacção esteve o proprietario do quiosque do Largo do Intendente que aqui apontamos no nosso ultimo numero. Por esse senhor nos foi dito que, tendo encomendado um reclame a determinado artista, este lhe trouxe aquela caricatura como seu original não sabendo o proprietario do estabelecimento que a mesma era uma «charge» ao insigne auctor do «Fim do Mundo» e que por essa razão o tinha colocado na «vitrine» como reclame á sua casa.

Sabedor porem da verdade, apressou-se a vir á nossa redacção participar que nesse mesmo dia retirára o desenho, pesaroso pelo facto, tanto mais que conhecendo em vida o infeliz cantor da «Historia de Jesus», sempre por ele teve uma profunda amizade e admiracção.

Apraz-nos pois a soluçao deste caso e ainda é com muito prazer que pômos aqui as declarações do proprietario da loja, declarações que só o enobrecem.

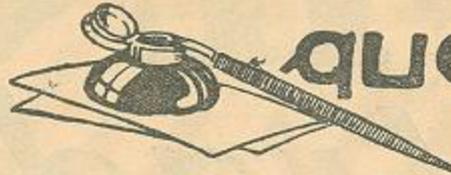
Augusto Cunha

Augusto Cunha é talvez um personagem literario desconhecido da grande maioria dos nossos leitores. No entanto este banal nome e este apelido encobrem um humorista de enorme merito que acaba de prometer colaborar assiduamente no nosso jornal. Apesar de «destrenado», como ele modestamente explica, a sua prosa feliz enfileira com a dos melhores nomes, como Brun, Roldão, Roquete ou Feliciano Santos. Os leitores de o «Domingo Ilustrado» vão, pois, ter mais um belo espirito para os acompanhar todas as semanas.

TEORIA



O JUIZ.—Você foi preso por bebado pela vigesima vez? Que tem a dizer?
O REU.—Tenho a dizer que talvez fosse melhor tirar uma avençal



questão prévia

As tres graças

Nas admiraveis festas dos mercados foram premiadas tres raparigas lindas: duas lidas e uma Beatriz. Grande parte do publico acha mais bela a Rainha Ilda II do que a Ilda I. Qual o misterio dessa eleição, e qual o motivo que levou o juri a premiar em primeiro lugar a cachopinha da Praça da Figueira? Parece-nos simples.

Ilda Fernandes, a Rainha eleita, apresentou-se vestida e penteada com muito bom gosto, e com rigor. O seu «todo» era o mais interessante e completo. Tem uma testa menos bonita? Que importa, se habilmente a soube encobrir. E' levemente ondulada a linha do nariz? O Jury viu-a principalmente de frente. E, os artistas que dele faziam parte não conseguiram abstrair da «mise-en-scene» que realmente tem uma importancia fundamental.

No entanto se a Ilda II fosse vestida não com o vestido que levou, banal e vulgar, com o lenço mal colocado, mas se se tivesse entregue nas mãos de um artista que soubesse tirar partido da sua maravilhosa figura e do seu perfil castiço, teria ganho.

Apesar disso as tres graças portuguezas, que o publico de Lisboa aplaudiu e consagrou podem dizer-se, como as da Fabula, igualmente belas: a frescura de Ilda Fernandes; a saude de Beatriz de Jesus; a delicadeza de Ilda Pinto

Uma grande obra

A eminente desenhadora das creanças portuguezas e notavel ilustradora, Raquel Roque Gameiro Ottolini, acaba de lançar no mercado uma obra monumental sob todos os aspectos. E' o «Livro do Bêbé», formosissimo repositivo e registo para todos aqueles lares iluminados pela graça duma creança.

A grande artista que os maiores criticos de Espanha consagraram, e que teve a honra de de ver um dos seus desenhos comprado para o mais importante museu de arte moderna do mundo, tem, nesta sua obra, paginas dignas das maiores mestras inglesas da illustração.

O «livro de Bêbé» vai esgotar-se em breve, tal o numero de pedidos que os seus depositarios teem recebido nestes dias.

As festas dos mercados

Felicítamos o nosso brilhante colega «Diario de Lisboa» pelo exito enormissimo que coroou as festas da sua iniciativa.

O mercado seiscentista do Largo de S. Domingos, onde colaborou o nosso bom amigo e director deste jornal sr. Leitão de Barros foi um dos grandes exitos dessas festas.

Com essa collaboraçao mais se estreitaram as cordealissimas relações que prendem todos nesta casa ao brilhante grupo de rapazes que trabalha com tanto valor, e tanta fé no grande vespertino de Lisboa.

Imprensa e livros

Recebemos do sr. João Rosa o seu belo trabalho profusamente illustrado «Evora», que é uma plaquette cheia de interesse e de grande propaganda para a linda capital do Alentejo.

Chegou-nos á redacção a revista «Terras de Portugal», que é um volume de grande propaganda do commercio e industria do Paiz. Dirige-a com a sua habitual proficiencia e tecnica o sr. Gomes Barbosa, notavel agente de publicidade.

QUEM AVISA



—Já te tenho dito que não cometas imprudencias na agua q-ando levas a corrente de oitrol

OUTONO... Eleições e chuva... Tristeza e tédio...

Entre o ceu, pardo e a terra, lamente e mole, o ar denso e humido é como uma teia de aranha, em que a mosca dourada da alegria se debate em vão e vai morrendo aos poucos.

Nas arvores adormece a seiva e nos bronquios, asanhados, os pertinazes catarros despertam para as grandes sinfonias matinaes do levantar da cama.

As mulheres despedem-se, saudosas, das mangas curtas e sacodem a naftalina das folhas peludas de abaixo, luxuosos despojos de rapozas, sibelinas, arminhos e outros animais que estupidamente morrem por elas, como se fossem homens.

Já nas confeitarias se embrulham, á pressa, os rebuçados de altés, para a clientela encatarrada e já as donas de casa previdentes se muniram de ameixas, peras e outras fructas secas para as xaropadas caseiras.

Pelas ruas, á boqui aberta da noite varando o ar humido, sobe até aos quintos andares o pregão, triste e dolente como um cantico arabe, dos marmelos assados e rapariguinhas de pé descalço, cingindo maternalmente ao seio razo bojudas panelas de esmalte, vão por becos e travessas oferecendo, a cantar, as «quentinhas de erva doce».

E' o Outono, meus amigos, o outono que passa, semelhante a uma criança debil e enfermeira, trazendo pela mão como um velho trópego, melancolico Inverno.

Outono... Eleições e chuva... Tristeza e tédio...

Se eu fosse musico, dir-vos-ia em solfa toda a enternecedora melancolia que se depreende deste suave adormecer da natureza doente. Mas—ai de mim!—sou daqueles que, a respeito de notas, só conhecem as do Banco de Portugal e mesmo essas mais de vista que pessoalmente.

Se me houvesse sido dada a facultade inefavel de me sentar diante dum «piano» e, só com passar-lhe os dedos sobre a dentadura, arrancar acordes expressivos, sinto que escreveria uma grande pagina musical, uma sinfo-

nia talvez, em que perpassasse, fina e levemente, todo o encanto sentimental do Outono.

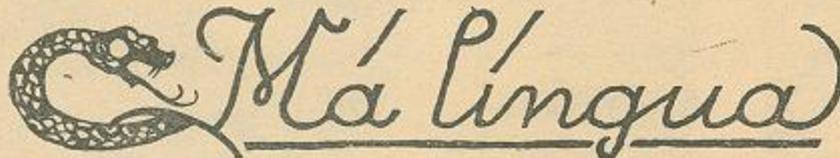
E' evidente que os motivos escolhidos não seriam o bater de gemadas, o pregão de marmelos ou o ferver dos xaropes, aspectos da poesia outonal e demasiadamente realistas para que possam ser expressos em sons melódicos. Iria surpreender a grande melancolia dos parques abandonados, atapetados do ouro das folhas mortas e silenciosos sob a lividez esverdeada dos musgos recentes. E na bruma das suas interminaveis aleas de buxo ergueria, para humanisar a melancolia dominante, a figurinha delicada e fragil da ultima mulher, que no ultimo outono romantico morreu de tísica e de amor, entre o perfume esparso e subtil das violetas.

Em lentos suaves acordes ela caminharia, em lentas, suaves passadas, atravez do parque e da sinfonia até ao banco de azulejos, que se fazia macio para receber o seu corpo, emagrecido e ali, ao triste chorar da fonte, onde um satiro de pedra obriga um golfinho a abrir a boca para que um delgado fio de agua escorra atravez dos limos pendentes, como uma baba viscosa, ela evocaria a despedida a ocutas, por uma noite de luar, naquele mesmo banco, os juramentos trocados, a longa ausencia, o esquecimento. E enquanto, no piano, a mão esquerda fosse dizendo o «ting-ling» monótono da agua da fonte, a direita descreveria, ora em tremulas de lagrimas ora em tropel de pulsações, a tristeza do Outono e a magua sem remedio da ultima romantica.

Como alguém, que habitualmente leia estas cronicas, pode extranhar a melancolia do assunto, devo prevenir que sempre, por esta epoca do ano, sou vitima dum ataque, seja de romantismo ou de gripe. Escusado será dizer que prefiro o primeiro, porque, alem de outras vantagens, passa depressa e dispensa sinapismos.



Feliciano Santos



CARTA A TAÇO SOBRE OS VERSOS QUE ELE NÃO MANDOU

Querido Poeta

Esperei ansiosamente por si até hoje 5.ª feira. Aquele volumoso envelope que pontualmente aqui chega ha quarenta e duas semanas, com a sua letra rapida e brincada, na anilina particular do seu tinteiro, falhou.

Julguei que a vindima deste fim de outono, ou os arranjos uteis do lagar, o absorvessem todo.

Mas não. Você, Taço, está em Lisboa. Foi visto, foi sentido. A sua madeixa loira passou já pelo Chiado como uma chama fulva. Todos o viram—Ninguem lhe chega.

Volte para o campo, Taço! Lisboa está igual a sempre—e ao menos no campo Você não falha—e o seu comentario é mais cidadão, mais civi-

lisado, mais Lisboa—do que se Você aqui estivesse.

Creia, não vale a pena. Apenas algumas silhuetas mudaram. Ha mais mulheres de cabelo cortado. Os estudantes agora usam maticões, bengalões, e umas gravatas de veludo á Imperio, que lhes dão um certo ar lamentavelmente «pires». Os teatros estão já abertos ás moscas. E' que o negocio tem picos—e as «estrelas» tem bicos, como diz o Matos Sequeira.

Lisboa, na Baixa, está lisa como uma luva—num pavimento que deu «luvas». O resto, tudo o mesmo Por tudo, volte para o campo—Taço!

NÓS TODOS

HUMORISMO

crónica alegre

UM CASO MISTERIOSO

AQUELE barbaro e misterioso crime de envenenamento de que foi vítima uma familia nobre muito conhecida, causou a indignação geral, pela forma cruel por que fôra perpetrado.

O criminoso introduzindo-se, talvez como amigo, no lar dos que premeditára fazer desaparecer, pôde assim exterminar, facilmente, toda a familia. Apesar da revolta que tal crime produziu na opinião publica e do afan das autoridades, o assassino conseguiu a principio ficar na sombra e na impunidade.

Durante muito tempo a policia o procurou inutilmente.

Mas uma mulher decidida a descobri-lo, poz-se em campo; e depois de longas e persistentes investigações, sem um falha, sem um desfalecimento, com uma tenacidade invulgar, alcançou por fim um rasto, uma pista segura.

E usando um estratagemas habilmente

refa, tinha-o feito clandestinamente, pela incerteza de conseguir o fim em vista.

E quando já podia dar publicidade aos brilhantes resultados das suas investigações, dando conta do exito da empreza que expontaneamente tomára sobre si, perante a figura insinuante do assassino, resolveu calar-se, porque uma atracção forte a começou impellido irresistivelmente para o misterioso personagem.

E um grande amor tornou a envolver no misterio o extranho caso.

Mas pouco a pouco aquela mulher que um amor inesperado acorrentára ao criminoso, começou a ver que ele afinal nenhum interesse tinha tido no crime.

Não tinha havido roubo; o assassino não era conhecido na região, onde apparecera pouco antes; não era tambem um degenerado; um criminoso de profissão; não tinha parentesco algum com as vítimas, não se percebendo, portanto, qual o interesse directo ou indirecto que poderia ter tido no seu desaparecimento.

E em fim por mais conjuncturas que fizesse, por mais explicações que procurasse, nada encontrava que pudesse ter sido a causa de tão odioso gesto.

Então o espirito novamente excitado daquela mulher, dedicou-se inteiramente a desvendar o novo misterio.

E agora sem rodeios, nem estratagemas, mas abertamente, cara a cara, o interrogou:

Qual a causa, o motivo oculto do seu crime?

Mas desta vez e apesar do amor que ele tambem já sentia, a sua boca fechou-se numa obstinação.

Ela teimou, pediu, insistiu. Ele teimou tambem no seu silencio.

Ela, porem, não desistiu.

Procurou apanha-lo em contradição, tentou todos os meios, usou por fim da astucia e excitada cada vez mais pelo segredo, procurou avidamente uma confissão; primeiro com habeis rodeios, com estudadas caricias, com supplicas, com amor e por fim numa luta brutal, violentamente, com ameaças, com imprecações, com odio.

Ele manteve-se, apesar de tudo, impenetravel.

Mas não podia ser. Ela precisava de saber tudo; queria, exigia, tinha a necessidade invencivel e intensa e absoluta de saber; e apesar do muito amor que lhe tinha, amor que mais se radicára roçado pela aza negra do misterio —apezar de tal amor ser agora o seu unico interesse, a sua unica felicidade, o desejo de saber era mais forte e ela só tinha um meio de saber,—de saber tudo.

Era simples, posto que violento de mais para o seu coração. Mas o coração impedira ante o desejo de saber.

Denunciando-o, entregando-o á sanção da lei, descobrindo-o, desvendando o primeiro segredo,—até ali unicamente seu,—ele seria preso e no julgamento, confessaria tudo.

Não hesitou. A justiça tomou conta do caso.

Porem, no julgamento, interrogado, instado, confessou o crime e a forma por que o executára, mas não confessou a causa.

Foi condenado á morte.

O desejo de saber ficava, portanto, ainda mais intenso e desapareceriam em breve, todas as probalidades de o conseguir.

A morte ia tornar o misterio insondavel para sempre, roubando ao mesmo tempo áquella mulher, o maior amor ds sua vida, amor que mais se intensificava com a certeza da perda, do fim irremediavel.

Era preciso, portanto, lutar de novo, tentar mais uma vez todos os meios; e já que o amor se perdia, que ao menos se devesse o misterio.

No carcere, no dia em que ele devia ser executado, ela insistiu, tentava arrancar-lhe a tão ambicionada revelação.

Perante uma nova recusa, rojou-se-lhe aos pés, beijando-o, sacudindo-o, numa furia alucinada.

Ele pediu apenas que o deixasse, que nada mais podia dizer. Um voto, um juramento sagrado, impunha-lhe um absoluto segredo.

—O mundo, disse, nunca o poderá saber; é inutil a tua insistencia.

—Mas guardarei tambem como tu esse segredo; nunca o revelarei, juro; é só para mim, percebes, apenas para mim, protestou ella numa ultima supplica, num ultimo esforço.

—Só a morte guardará bem este segredo, tornou elle, insensivel a tudo.

Ela teve então uma ideia que a transformou por completo, uma inspiração que elle lhe surpreendeu no gesto e na alegria de olhar, no extraordinario contentamento, na felicidade a abrir, a desabrochar em todo o seu rosto e olhando-a sereno acrescentou:

—Não o queria dizer pelo muito amor, que apesar de todo o mal que me fizeste, me inspiras ainda. Mas vejo que aceitarás o que te vou propôr, para te satisfazer.

—Dize depressa,—supplicou ella, numa anciedade,—quero saber tudo, sim, dispondo-me tambem a tudo.

—Pois bem,—terminou elle,—farei o que me pões; mas morrerás comigo; assim tenho a certeza que mais ninguém o saberá.

Ela caiu-lhe nos braços, numa lou-

cura, entregando-se-lhe, numa avidez de revelações.

Ele então com brandura, cingindo-a nos seus braços possantes, começou contando tudo, lentamente, detalhadamente, enquanto as suas mãos impiedosas iam cumprindo a sentença que ditára, a condição que impuzera, estrangulando-a, lentamente tambem.

E numa combinação perfeitamente



calculada, a sua boca e as suas mãos iam cumprindo o prometido.

Ela ficava, pouco a pouco inerte, rigida, sem alento. Mas o seu rosto, onde os olhos muito abertos, pareciam querer devorar todas as palavras dele, não tinha a mais ligeira ruga ou contracção de sufrimento, o minimo sinal da morte que se aproximava e que parecia não sentir. O seu rosto tinha antes um extranho rictus de alegria, de prazer, de intenso goso de saber... de saber emfim... de saber tudo...

...

Neste momento caía o pano sobre este final do 5.º acto. Esta mulher era simplesmente a «D. CURIOSIDADE FEMININA».

AUGUSTO CUNHA

INTRIGAS...



—Estou bebado eu?! Quem foi o patife que te disse uma dessas?



architectado descobriu o assassino, obrigando-o a confessar o crime, e a descrever-lh'o com todos os seus cruéis detalhes.

Porem, esta mulher, que por um simples interesse particular ou mero capricho, se dedicára a tão espinhosa ta-

TEORIA INFANTIL



—O papá! O dromedario naturalmente caiu, e fez quele «galo» nas costas!

O DOMINGO
ilustrado



TEATROS

Paris-Outubro de 1925.

«Tremidinho» em Paris

Os teatros e os espectadores—Revistas nunca vistas—As coristas francezas e as «estrelas» portuguezas—O teatro francez por dentro.

Só hontem consegui arranjar bilhete para assistir á revista do «Palace». Se fosse em Lisboa, tinha caído nas unhas de um contratador feito com o bilheteiro, e para conseguir ver a peça, tinha primeiro de deixar a camisa no bolso d'esse utilissimo trabalhador (?) de teatro! Aqui, esperei apenas que chegasse a minha vez.

Antes de subir o pano, entretive-me a ver a sala de espetáculos. E' elegante, e bem iluminada e nem sombra de lixo se vê pelos cantos.

Ha em tudo um aceio especial que nos dispõe a gostar de estar ali. Os porteiros são porteiras gentis que, por pouco, nos põem o chapéu e o casaco no vestiário, nos dizem obrigado com um belo sorriso e não fazem o favor de nos aceitar o talão do bilhete, como acontece em Lisboa.

Os espectadores também são muito interessantes. Pedem licença quando passam, não cospem para o chão, não se deitam para cima do parceiro do lado, não se metem com as senhoras e quando teem vontade de rir, riem, sem que com isso se julguem inferiores.

Nos finais dos actos e nos numeros, o publico aplaude se gosta, não está como em Portugal, com medo que o julguem da «claque».

Dá o sinal para começar o espectáculo.

A orchestra toca um «fox-trot» que dá vontade de dançar. Creio que é o mesmo numero que já ouvi em Lisboa mas que ali me pareceu uma marcha funebre. Sobe o pano e aparece um scenario que parece que está vivo! Que côres e que desenho! Uma nota curiosa: Não vi roupas a disfarçar nas bambalinas a pouca fantasia dos scenografatos.

As tintas são como as que se uzam ahi mas parecem usadas de forma diferente.

Pelo menos os scenarios não se parecem nada.

Entra um grupo de oito bailarinas que dava em Portugal para se fazerem oito companhias!

Não trazem lantejoulas nem galões dourados. Vestem simplesmente, mas os trajés são feitos a primor, com gosto, artisticos. Naturalmente foram prova-los ao «costumier» antes de este os dar por afinados. Os passos muito eguaes, os gestos muito harmonicos, as oito pequenas formam um conjunto admiravel! Não ha uma unica que se saliente a fazer partes para qualquer camarada da plateia! E todas teem um sorriso nos labios! Não é como em Portugal onde as coristas estão

constantemente a pensar em dia de finados.

Corre uma cortina e entra uma senhora de grandes penachos que canta uma cançoneta brêgeira, de fazer córar mesmo uma creança de seis mezes que não saiba francez! Lembro-me então nos nossos criticos que acham pornograficas e licenciosas algumas piadas do teatro portuguez! O que diriam eles se ouvissem a mesma lama a dizer por claro o que em Portugal se diz no escuro!

O publico (principalmente as senhoras) acha um «piadão» e pede bis calorosamente.

Corre outra cortina e aparece um grupo de mulheres vestidas de pele e osso. Para disfarçarem a nudez trazem chapéus altos e bengalas.

E' um sucesso! Ao meu lado estão trez senhoras portuguezas que, ignorando a minha condição de patricio, exclamam entusiasmadas:

—Ai Maria! Isto é que é teatro!
—E falam os estupidos da nossa terra, em revista!
—Idiotas! Isto é que são revistas!

Estamos a meia peça e só me tenho

rido á custa de deitar a pudor para traz das costas!

Em compensação tenho os olhos a arder de tanta luz, tanta côr e tanto movimento, e sinto a boca sêca com tanta mulher de corpinho ao leu!

—Se isto fosse em Lisboa—monólogo—já estavam as cadeiras partidas e os autores na Morgue!

O segundo acto da peça é perfeitamente igual ao primeiro. Danças, cores, luzes, mulheres e piadas em que a moral fica pelas ruas da amargura.

A certa altura entram quinhentas e-meas em trajés menores e veem ao meio da plateia cantar coisas.

Toda a gente acha bem e nem um só espectador se lembra de fazer figura d'urso

—Ah! Se isto fosse em Portugal!—penso—as mulheres a esta hora já estavam agarradas e a «claque» já tinha puxado pelas «mócas»!

Ha uma actriz que tem as honras de «estrela» mas que é uma «estrela» exactamente.

Canta, dança, declama na perfeição, é bonita, elegante, tem espirito e... vive sosinha!

Acaba o espectáculo. Na melhor ordem, os espectadores vão saindo. Diri-

jo-me á «caixa» onde um amavel conhecido me apresenta como critico do «Domingo Ilustrado».

Que ordem e que disciplina! Ninguem grita nem ninguem está zangado.

Entro no camarim da «estrela» que me fala de artes, de literatura, de sciencias! E' muito amavel e não me passou nenhum bilhete de beneficio.

Falei com o electricista que, como o maquinista é «engenheiro»! O Director da companhia é uma pessoa ilustradissima, amavel. Fala-me dos seus estudos porque, ao contrario do que succede em Lisboa, o director tem a preocupação de estudar!

Uma corista atravessa o palco e eu vou falar-lhe:

—Então vai para casa? O seu rapaz naturalmente está á espera!

—Não senhor! Vou para o ensaio!

—A esta hora?

—Que tem?! Quasi todas as noites temos ensaio depois do espectáculo, para nos aperfeiçoarmos! Eu quero ser uma boa corista! Quero saber bem o meu officio!

—E espera chegar a «estrela»?

—Não tenho faculdades para isso!

Contento-me em ser uma boa corista o que já é muito!

—Mas tem algum curso especial?

—Pois então! Olhe, é preciso saber lêr e escrevêr, trez anos de dança e mais um de pratica de marcação!

E a pequena lá foi correndo direita ao professor, um homem que aprendeu dança e é apenas incumbido de ensaiar.

Saio, puxo a gola do sobretudo e meto-me a caminho de casa, pensando:

—Meu Deus Nosso Senhor, porque não deitai num terramoto de quinze dias sobre a gente da minha terra?!



o momento teatral



Lina Demoel

é um nome que saltou de repente sobre o publico. Uma alegria, uma mocidade fulgurante de graça, uma personalidade artistica marcada, e esta feita por encanto, uma nova «estrela».

Em Portugal e no Brazil, a «vedetta» do Maria Victoria—palminho gentil de cara e de figura—venceu. Têm mais valor as mulheres como esta que vencem pela sua belesa que é graça de Deus—do que outras que vencem apenas pela graça dos homens.

Portugal tem algumas grandes actrizes—em compensação quasi não tem actrizes alegres.

Lina é a alegria dum teatro. Tê-la no cartaz é contratar a propria mocidade. Exibi-la numa peça é perfumar um teatro. Lina Demoel está na Feira— a Feira «vive»!

Coliseu dos Recreios
Grande companhia de circo. Constantes novidades.

S. Carlos S. Luiz Salão Foz Avenida Politeama Eden Nacional Apolo

Companhia Lucilia Sines-Erico Braga — «O sinal de alarme». Duas zarzuelas: «A canção do Olvido» «Montaria». As maiores atrações de Cinema. Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão. Companhia Arme a Rey Colaço-Robles Mostro «Quando o amor acaba». Todas as noites a revista «No Paiz do Tirliseno». Fechado temporariamente. O «Saltimbanco» pela companhia Berta [de Bivar Alves da Cunha].

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

NO mercado do Matadouro, quando passou de boca em boca a noticia que um jornal ia fazer um concurso e dar um presente de ouro á vendeira mais bonita, o Daniel do talho, um moreno despenhado e forte, olhos negros e pestanudos, boca bem vincada a vermelho, ensombrada por um buço leve, franziu as sobrancelhas e, de mau humor, atirou para o grupo que segredava o caso:

—«Indróminas!» Era bem melhor que se deixassem de «partes»!

—Homem!— respondeu-lhe o Julio hortaliçeiro, mostrando os dentes



Tinha uma venda de criação no Mercado do Matadouro...

escuros, queimados do tabaco—O concurso é só de raparigas! Não é nada contigo!

—Pois sim!—tornou o Daniel e tomando o cutelo começou a raspar a prancha de madeira, nervosamente.

Emilia, a que vendia criação no lugar do canto, quando d'ahi a pedaço Daniel apareceu carrancudo, extranhou-lhe o ar:

—Sucedeu-te alguma coisa, Daniel?
—Nada! E' lá essa historia do concurso!

—Mas que tens tu com...
—Tenho que não consinto, ouviste? Não consinto que vás a essa coisa!

—Mas quem pensa n'isso?
—Penso eu! Já ficas sabendo, hein? Não quero cá d'essas palhaçadas! Tu não vaes!

—Mas, ninguem ainda me disse nada a esse respeito...

—Mas já ficas sabendo! Era o que faltava!...

A paixão da Rainha dos Mercados

Pequenina historia de amores onde um leve veu de fantasia encobre um episodio veradeiro.

mercado do Matadouro, e afirmava-se, que mesmo dos outros mercados, não havia cara mais linda do que a da Emilia.

Os olhos portuguezes, negros, onde havia no brilho dois pedacinhos de sol e uma doçura de alma constantemente a florava em carinhosa expressão, a pele morena, muito branda e fina, a boca desenhada em côr de sangue vivo, os dentes muito alvos, alinhados como contas brancas d'um rosario, davam-lhe o ar sereno e belo de uma santa.

Pequenita ainda, pernas ao léu, as mãos roxas de frio, os olhinhos muito abertos, curiosos, já por ali andava na faina da venda, agarrada ás saias da mãe, encolhendo-se toda quando o galo de crista rubra armava em pimpão, e se lhe punha a dançar na frente, procurando acertar a bicada aguda na defeza cavalheiresca das suas favoritas.

Diziam os que a conheciam de garota, quando a mãe montára venda de criação na praça da Figueira, que a Emilia, nada e creada entre a gente do mercado, era a mais linda creança que patinhava o asfalto e por ali tinha brincado e rido de cambalhada com os outros miudos, entre os montões verdes das hortaliças e as manchas fortes das frutas que em pirâmides, lembravam tesouros enormes de pedras preciosas.

E assim, entre o bulicio da venda, ganhando pouco a pouco o pão santo de cada dia, a Emilia, fez-se mulher, tomou corpo, umas formas elegantes, cheias de beleza, bem marcadas, numa estrutura de linhas perfeitas.

Aquele noivado com o Daniel do talho, já vinha da meninice. Tambem ele, garoto atrevido e espertalhão, sabio nas manhas de furtar uma laranja ás escondidas do vendedor, andava de pequenino naquela roda.

Brincavam os dois juntos, por entre a algazarra forte da praça e, de corações dados, sem quasi dar por isso, cresceram. Amavam-se muito. Ele queria-lhe do fundo do coração, com raiva, como homem forte. Ela, ficava-se horas infinitas a olhá-lo, na sua blusa verme-

lha, o avental salpicado do sangue das carnes, braço cabeludo á mostra, empunhando airoso o cutelo reluzente.

—Tu é que vais ser a nossa rainha! —dizia a Rita entre o grupo formado em volta de Emilia—Pois então!

—E ganhas com certeza!—acudiu o Jeronimo peixeiro—Ganhas e por muito! Não ha em todas as praças, cara como a tua!

—Metes todas num chinelo! Cara mais linda!

E a Emilia, ruborisada, em gestos desajeitados pela perturbação, balbuciava:

—Eu!... Ora não ha... vocês não estão bons!

—Sim, sim, que aqueles senhores lá dos jornais já disseram que nem a da Ribeira te chegava aos calcanhares!

—Vais tu!
—Ele, a bem dizer, indo a Emilia que vão as outras lá fazer?

E a Emilia, comendo as galinhas mortas sobre o zinco da venda:

—Deixem-se disso! Deixem-se disso!

Seria realmente ela a mais linda de todas! E se ganhasse!? Como o seu Daniel ia ficar contente! Depois havia uma casa que oferecia o enxoval! Era apenas o que lhes faltava para casar! Ganharia ela? Ora! Podia lá ser...

—Daniel! Eles querem que eu vá...
—Quê?!

—Sim, querem que eu seja a rainha...
—Mas tu estás doida?!

—Mas...
—Era o que faltava! Não, Emilia, não vais! Nunca deixaria que a minha noiva...

—Eu nem quero pensar nisso...
—Mas ouve! Dizem que é uma coisa séria!

—Qual séria, nem a brincar! Para que todos te vissem e viesse o teu retrato nos jornais! Eu sei que te está a pular o pé para a parodia, mas não, não e não! Tu és minha, percebeste?

Só minha! Não quero que outros te vejam! És a mais bonita? Mas és minha! Eu estou a vêr! Todos a procurarem comer-te com os olhos e depois... depois... não! Prefiro tudo!

—Mas ó Daniel! Isso não está bem! Deixa ir a pequena!

—Que vá, eu não a tólho! Mas já sabe! Ela vai lá ser a rainha ou o que é, mas o casamento está desmanchado!

—Não sejas assim!...
—Por alma de minha mãe lhes juro!

Ela a sair de casa com esses tais e eu a marchar-me para a loja do meu irmão no Porto! A minha mulher andar feita palhaça! Então não!

No dia seguinte, quando a comissão veio buscar a rainha, o lugar da Emilia estava fechado.

—A Emilia parece que está doente!

—Foi o Daniel que não deixou ir!

—Bem! Vai a Beatriz de Jesus! Passa a ser essa a rainha do Mercado do Matadouro.

Escurecia. Da rua vinha o ruído do povo que tinha ido vêr passar as rainhas.

—Viste, Daniel! Por tua causa não fui!

—Estás arrependida?

—Não! Mas sabes... tenho pena!

Dizem que davam um enxoval e as-



—Quero cá que a minha noiva entre nessas palhaçadas...

sim... já a gente casava mais depressa...

—Deixa lá! Apeguemo-nos ao trabalho que Deus ha-de ajudar!...

—Dizem que ganhou a lida...

—Eu sei, Emilia, eu sei que quem ganhava eras tu, e por isso é que não te deixei ir, porque se fosses... se fosses... eu podia perder-te!



Entre a roda das vendeiras do

UMA NOVELA DE AVENTURAS
COMPLETA

MORREU ha duas semanas no Porto um medico que foi durante muito tempo o meu mais intimo amigo.

Quando eu tinha vinte anos e ele sessenta, acamaravamos os

dois como se fossemos rapazes.

A gente, no velho café da Rua de Cedofeita, ás longas tardes de inverno, esquecia aquela calva palida e serena, a longa bigodeira branca pregada na cara como um salva-vidas de electrico, e era tal a sugestão e o pitoresco da sua conversa, que a preferiamos á dos rapazes da nossa idade, infinitamente mais banais e mais inspidos.

E' que o velho doutor Xavier tinha



Todos responderam: Não! Eu dir-lhe-ia: Sim!

E, sobretudo depois da noite que passou ha um ano, afirmar-lhe-ia com toda a força da minha convicção: Sim, pode e deve matar!

Conheci a mãe de Geneveva no Hospital do Conde Ferreira.

Era uma louca perigosissima. Inter-calava com periodos da mais clara lucidez ataques de furia desordenada e imprevisita. A morte do marido, que não fôra mais que um desgraçado que passara a curta vida num meio sonho de alcool e de doença, fôra devida a um desses ataques. Com um ferro de cama quebrara-lhe um frontal, dum corte que parecia de guilhotina. Geneveva nascera antes desse periodo agudo.

A mãe, paranoica latente de nascença, tivera apenas crises epilepticas durante a gestação.

A pequena Geneveva, creada no monte, tinha uma certa côr de saúde, mas era terrivelmente microcefala. Conheci-a no dia do enterro da mãe, apática e indifferente apesar dos seus dezoito anos selvagens e hirsutos.

E foi desde esse dia, que o acaso me proporcionou ocasião de conhecer e de acompanhar a vida dessa creatura...

Penso muitas vezes nessa energica selecção spartana—e penso na horri-vel miseria fisica da humanidade de hoje.

Quantas vezes—ao abordar o leito dessa monstruosidade organica que era a pobre Geneveva eu não considerarei esse tema desolador. O que se teria evitado de miseria degradante, de descalabro e de tragedia se a pobre louca que foi a mãe, e o alcoolico que era o pai, a não tivessem gerado!

Quando fui para a quinta naquele verão, vi, com espanto, a gravidez de Geneveva.

Pois quê?! A cachopa doente e apalermada, cheia de mazelas, o escarneo da aldeia, a «Coxelas», como lhe cha-

mava o rapazio, teria a suprema graça de conceber?!

E nessa noite, na casa do lagar, esperei até tarde os rapazes da ceifa e perguntei-lhes á saída:

—Eh! rapazes! Que é aquilo da «Coxelas»?!

—Ah! O Sr. Dr. não sabe? Isso foi caso falado.

A «Coxelas» andou aí de amores com o «Parolo» de S. Romão, ao principio do inverno. E vai daí «inté» lhe fizemos de parodia um casamento. Se não fosse o senhor Prior, haviamos de os levar á igreja. O peor é que o «Parolo» fugiu-lhe e ela está viuva.

A modos que entesicou com a primavera e ninguem mais deu fé de o vêr no lagar...

Os homens saíram e eu fiquei absor-to na meia luz das candeias ainda acesas sobre os grandes toneis vazios.

Eu tambem conhecia a historia vulgar do «Parolo». Era o tipo classico do parvo de aldeia. O pai fôra homem na minha infancia e eu recordava ainda aquela leva grande de emigrantes que tinham partido para S. Paulo. Regressara depois á aldeia, velho, cançado e gasto por uma vida extenuante de trabalho barbaro.

Mas trazia dinheiro. Pelo menos o suficiente para pôr uma venda á entrada da Rua Larga e para lhe não faltarem mulheres.

Não passou muito tempo que se lhe não juntasse cachopa mais atrevida e ambiciosa. Dessa ligação material e sordida nasceu o «Parolo».

A morte do pai, o incendio da locanda nos primeiros anos da creança e depois a partida da mãe para ir servir para o Porto, fizeram dele o abandonado, o estercor da rua, o tolerado por esmola e por compaixão, o tipo daqueles miseraveis farrapos humanos que na estrada, entre a poeira dos carros, bronzeados de sol, nos estendem como fições negros os braços e as mãos.

Pois fôra o «Parolo» de S. Romão o tragico noivo da «Coxelas»!

Uma tarde, depois de jantar, quando

me debruçava do alpendre sobre o caminho do campo vi a «Coxelas». Ia a cantarolar aos bordos pela azinhaga ingreme e levava um vime por entre dentes. O corpo estava pesado e largo nas ancas, a pele oleosa e tismada, as olheiras maiores. Sobre os ombros um farrapo imundo e o cabelo empastado e nojento sai-lhe em golfadas negras de sob a aza do lenço.

—E' «Coxelas»!

E chamei-a. Que viesse beber uma tijela de caldo. Entrou. Poz-se no pateo a reinar, com os olhos enviados para o chão, e eu fui abaixo, só, ter com ela.

—O «Parolo» morreu...—disse-lhe a meia voz.

Ela afogou um grito na garganta, um uivo rouco de dôr, e fugiu pelo portão, numa corrida. Passou-se um mês sem que eu a visse mais...

Seis horas da manhã—e já na torre do relógio, o sol, vermelho e sanguineo como bagos de romã, pintava tudo.

—Chegue cá, Sr. Doutor! A Coxelas está ali no feno, a torcer-se com as dôres. As mulheres que foram para a vindima não quisera perder o meio dia para ficar com ela.

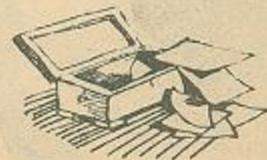
—E fui eu e um creado trazer o Coxelas para uma cama. Estava quasi desmaiada, tinha a espuma de sangue das epilepsias.

«Todo o dia velei a desgraçada e a mediquei. A' tarde o ceu toldou-se. Nuvens de trovoada, plumbeas e densas fechavam a luz. Chegou a noite. A «Coxelas» ardia em febre. A creanças devia nascer de madrugada. A escuridão invadiu o quarto.

Ela socegou um pouco. Irresistivelmente fechei os olhos...

Oh! o que seria o filho da «Coxelas» e do «Parolo»!

Subi ao quarto e tirei a seringa. Voltei. A «Coxelas» parecia socegada. Dez minutos depois, chamei os creados da lavoura para falar ao Prior e uma carroça foi á vila buscar um caixão que eu lhe mandei comprar. A «Coxelas» estava morta e a sua tragedia tinha acabado com ela.



O Reporter Misterio

O nosso Concurso
de Novelas

Terminou hontem a data para a entrega de novelas. Foram recebidas

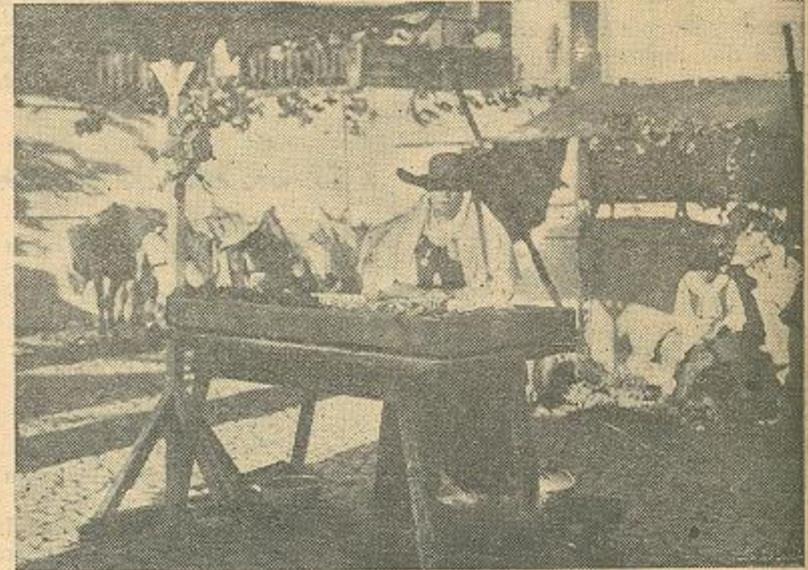
160

que um júri vai lêr e classificar. Brevemente daremos a lista dos premios.

Actualidades gráficas

A FESTA DOS MERCADOS

O MERCADO SEISCENTISTA DO LARGO DE S. DOMINGOS



Entre os festejos promovidos pelo «Diário de Lisboa» avultou a bela reconstituição do mercado ao Seculo XVII.—Uma das nossas gravuras representa o «Almotacé» do mercado, ou antigo fiscal (o distinto actor Santos Carvalho) lendo o pregão do Senado municipal ao povo, acompanhado dos seus intendentés, (outros dois distintos artistas do Maria Victoria).—Outra é um trecho do mercado, em que se vé o lugar dos mariscos, camarões e lagostas.

NO TEATRO



O grande actor Alves da Cunha que acaba de obter um exito formidavel com a criação do «Salimbanco» posto em scena superiormente pelo mestre Araujo Pereira.

AS LETRAS



NORBERTO LOPES, brilhante jornalista, autor do novo livro «Mais vale andar no mar aito...» que já alcançou grande successo literario. Norberto Lopes será o representante de o «Diário de Lisboa», no jury do «Concurso das Novelas»

BELAS ARTES



Um dos quadros do illustre artista Abel Manta, que acaba de expor com muito exito no salão Bobone.

NO TEATRO



O illustre professor de indumentaria Castelo Branco, que deu a sua brilhante colaboração á Festa dos Mercados e que é um dos grandes colaboradores do teatro português.

VARIA

Grafologia

o caracter revelado pela caligrafia

RESPOSTAS A CONSULTAS

NORMA.—Espírito analítico, critica interiormente tudo e todos, pouca vaidade exterior, trabalhador, teimoso, pratico e economico, nervoso, retraimentos, gostos simples, força de vontade paciente, pouco falador, amador da verdade.

TRIANON.—Caracter reflexivo apesar da pouca idade, estudioso, egoismo natural, generosidade sem norma só por impulso e nem sempre.

B. C. G.—Não servem versos sem assignatura, não tenho pois por onde fazer a analyse.

MIUDINHA.—Muita imaginação e muito bom gosto, suave, bondosa e com espirito religioso, quasi místico, inimiga de frases duras, acha que tudo se pode fazer sem violencias, habilidade manual. Economica sem exagero, ideias muito suas e muito inconfessadas, sente-se bem quando cumpre um dever ou dá uma esmola, trato afavel e espirituosa quando quer.

UM ESPERANSOSO.—Impulsivo, bondoso ás vezes, e mau outras, generosidade impulsiva, boa memoria e bom gosto, egoismos inconfessados de ambições inconfessadas, muito amoroso, amor á discussão, sensualidade forte, intuição, inteligente para o trabalho, rajadas pessimistas, pouca ou nenhuma vaidade.

MISS SILVA.—Nervos fortes que lhe custam dominar, «cerebro a mais»; caracter desigual que não compreende, independencia de caracter e de ideias, cansaços sem motivo, mas que a deixam quasi estenuada por horas e ás vezes por dias, trato original economia domestica, espirito religioso.

DARY.—Boa imaginação, impressionista e impulsivo, falador de mais, bom gosto para tudo ideias independentes, amor á leitura e á discussão onde quasi sempre triunfa, generosidade prodiga, propositos constantes de mudar pois sempre está descontente de si proprio nas... não muda, amor a toda a gente especialmente ás creanças, intelligencia intuitiva ordem nos objectos.

ROSALIA.—Caracter aberto, idealismos optimismo, boa saude, equilibrio moral, ideias rectas e boas, lialdade, generosidade, espirito religioso sem exagero, curiosidade de aprender, ordem, bom gosto literario, trato afavel, veracidade.

AREIAS.—Sentimento de poesia, amor á verdade, impulsivo e por vezes violento, energia para mandar os outros, generosidade optimismo proprio de quem põe em si proprio a confiança que lhe deixa um orgulho grande do que é e do que vale, bom, generoso, trabalhador, muito sensual e muito amante da musica.

CRISANTHEME.—Caracter um pouco indecifavel, de suave trato que esconde bem, um pouco de maldade, memoria excelente para tudo, amor á leitura, boa diplomata, vaidade intima, intuição, espirito critico, inteligente, verbo facil, economia, ordem, intelligencia clara mas lenta.

OCHOA.—Infantilismo, caracter que se adapta facilmente ao que os outros lhe dizem, desconfiado em casos de interesses, egoista e ambicioso ordenado nos objectos e na sua pessoa, habilidade manual, generosidade muito bem entendida, espirito religioso, supersticioso amante do fado e de versos que sejam facéis e fiquem no ouvido.

J.M.—Apaixonado vehemente nada vaidoso, activo, pratico, boa memoria para umas coisas e horrivel para outras, generosidade de alma, ideias sãs e feliz quando trabalha, não é mau e está contente quasi sempre, reservado leal, veste bem mas não é «Papo-seco».

REJA.—Boa força de vontade, espirito pratico, boa diplomata quando quer, no fundo só se conhece a ela só, pois não mostra parte traca a ninguém, economia bem entendida, intelligencia subtil, religiosa sem exagero.

AIDA.—Força de vontade impaciente, boa memoria, amor aos livros e ao dinheiro, idea-

lismos e sede de aventuras, bom gosto trato afavel, dedicada «a certas pessoas», reservada, quando convem, amor á estetica, ordem, generosidade bem entendida.

AIRAM ETEL.—Impulsiva, independente de ideias e de caracter, generosa ás vezes economica outras, valente e leal, preguiçosa, ama a dança, adora o conforto, apaixonase rapidamente e custa-lhe desenganar-se a si propria, inteligente e atrevida.

DEMOSTENES.—Impulsivo e impressionavel, bom gosto, finura de sentimentos e um tanto religioso, vaidades pueris, sentimento altamente poetico, pessimismos passageiros, generosidade bem entendida, curiosidade, precavido, ideias proprias e nada mudaveis.

MAROFFO.—Excessivamente nervoso, modesto, curiosidade de aprender insaciavel, pratico, eserto mais que inteligente, valente, aptidões para ss matematicas, creancias inescapaveis, reservado, lial e dedicado, forte sensualidade.

LELA.—Grande imaginação, vaidade e orgulho de si propria, bom gosto, frase viva e oportuna, boa memoria, asimilação intelectual, generosidade, sentimento de poesia, amor aos livros para os conservar, sensual, dedicada trato afavel, nervos bem dominados, espirito aventureiro, optimista, sonhadora.

JO.—Leia «Lela» que se parece muito consigo. Só vejo a mais energia e força de vontade teimosa.

CAROCHA.—Distinção, generosidade prodiga bem entendida, dá só a quem deve dar e sabendo dar, grande imaginação, espirito dedicado e afectuoso, bom gosto literario, amor á musica, e á discussão, voluntariosa, rotunda nas afirmações, espirito critico e claro, um pouco amiga de fazer espirito, ideias largas, independentes, humoristas, um poucachinho mentirosa.

CARLOS ALBERTO.—Espirito pratico sem complicações, amor á verdade e ao trabalho, curiosidade de aprender, gostos simples e ingenuos, um pouco acanhado em ctas occasiões, bondade de alma, gosta de romances é dedicado.

ZANNA.—Imaginação destrambelhada, caracter impulsivo, generosidade, espirito religioso, bom gosto para tudo, intuição, amor ao conforto, nervos indominaveis, simpatia optimismo, intelligencia clara, sensualmente cerebral.

DAMA DAS VIOLETAS.—Vaidade mal entendida que não tem qualquer orgulho espirital, mundanismo, egoismo, trato afavel, simpatia, idealismos inconfessados, generosidade «para a galeria», bom gosto, «charme», espirito religioso e grande confiança... nas alturas esperando beneficios... só para ela, (as outras não os merecem...), habilidade manual, nervos fortissimos que sabe domoninar muito bem.

UM REVOLTADO.—Sensual, apaixonado, domina-se bem em tudo excepto nas paixões, independencia de ideias, bom gosto, boa saude, equilibrio e habilidade manual, generoso e dedicado, sentimento, amor á estetica e á poesia, espirituito e inteligente.

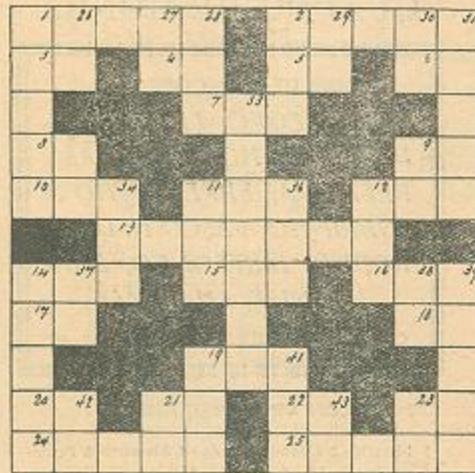
RAPARIGA DA ALDEIA.—Temperamento suave e dedicado, nervos bem dominados, distinção natural, intuições, curiosidade, muito amor aos seus, habilidade manual, boa memoria muitos, pontos de contacto com «um Revoltado». Haviam de se entender bem, teem almas eguaes.

CAMELIA.—Optimista, franca de ideias e de riso aberto, um tanto creança, má memoria não muito generosa, ama a musica, as flores e e os animaes, caracter brando com intermitencias.

MADemoiselle JI.—De estúpida não tem nada e de má também não, apenas um egoismo muito natural e muito humano de procurar o que lhe agrada tanto nos objectos como nas pessoas, habil para a conversa e um tanto diplomata para esconder o que pensa quando lhe convem, espirito religioso, econo-

CRAS PALAVRUCUZADAS
o passatempo da moda

HORIZONTALMENTE



NOTA—Os numeros 32, 35 e 40 não existem.

Solução do numero passado

HORIZONTALMENTE

1—Ut 2—Pó 3—Al 4—Li 5—Lira 6—Asia 7—Sara 8—Cor 9—M. A. T. 10—Môa 11—Ade- rira 12—Amor 13—Raza 14—Origens 15—Ias 16—Cai 17—Ara 18—Passe 19—Capa 10—Cimo 21—As 22—Ri 23—Ia 24—Os.

VERTICALMENTE

1—Ul 2—Psz 4—Limo 6—Ar 8—Ca 10—Massa 17—Par 19—Ca 25—Tiro 26—Lar 27—Ia 28—Arar 29—America 30—Atireis 31—Mó 32—Ramos 33—Ar 34—Dor 35—Ireis 36—Ran 37—Rica 38—Vi 39—Ica 40—Gaze 41—Lá 42—Abas 43—Ramo 44—Eça 45—Os.

Resolveu o problema do numero 39, o sr. Raimundo Granés—Silves.

LUIZ CAMPOS, Coimbra.—O desenho é bom, porem a numeração está toda errada. Deve numerar primeiro as horizontaes e depois as verticaes. (Veja os problemas publicados). Queira, por isso, rectificar a numeração nessa conformidade e enviar novo desenho.

ANASTACIO DA SILVA.—A numeração tambem não vem certa. Só podemos aceitar desenhos que satisfaçam as condições do concurso. Por isso queira enviar novo desenho feito em papel branco e a tinta da china, com a numeração rectificada.

CONCURSO

Até ao dia 15 de Novembro p. f. fica aberto um concurso para estes interessantes proble- mas, com 2 premios assim distribuidos.

«1.º Premio».—Para o desenho mais original.

«2.º Premio».—Para o problema mais bem feito.

Todos os outros problemas recebidos, serão publicados desde que reuam as necessarias condições.

Os desenhos deverão ser feitos em papel branco e a tinta da China, e enviados em carta a esta redacção com a indicação de

CONCURSO DAS PALAVRAS CRUZADAS

«mia sem exagero, vaidade natural de mulher, exigente... porque não é parva, excelente memoria, e nada mais. Está satisfeita?»

R. R. GO.—Intelligencia clara amante da be- leza em todas as suas manifestações e espe- cialmente na plastica, muita sensibilidade para a musica, bom gosto e amor á estetica, ideias boas e independentes generosidade que nasce do desprezo impulsivo da defeza, curioso equi- librado, fortemente sensual mas sabendo do- minar-se muito bem, sentimento de poesia («em prosa») amor ao conforto e um pouco ao preciosismo, em almofadas flores, vasos... etc... e nada precioso nas frases.

AVIAP.—Nervoso indomavel, impulsivo e com rajadas de mau humor, amante da poesia e da musica, pouco generoso materialmente, sempre descontente de tudo e de todos, inteli-

gente... para o que convem, nas outras coisas não tem o trabalho das estudar, imaginação lenta, um pouco de bisbilhotice.

AVISO:—Por não estarem em harmonia com as seis linhas escritas a tinta em papel não pautado, não posso responder ás consultas de Doisburacos—Um estrangeiro—Uma que dese- ja ser cantôra—Lola—Um incredulo—Aurelho —Mãe de Badeco—Henbráfló—Principe Jacin- tus—Arevalo Tavares de Castro—C. S.—Uma louira—Um apaixonado por uma louira—Fre.

D. E.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acom- panhada de um escudo para—A DAMA ERRANTE.

PASSA-TEMPO

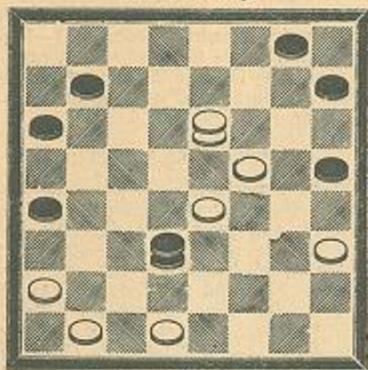


Solução do problema n.º 40

	Branças	Pretas
1	24-27	31-24
2	21-25	30-21
3	7-10	14-7
4	29-11	21-14
5	11-20-27-18-9-2-11	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 41

Pretas 1 D e 6 p.



Branças 1 D e 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 39 os srs.: Aliás (Porto), Antonio Néné, Artur Santos, Fa-Mi (Vila Real de Santo Antonio), José Magno (Algés), Nulame (Figueira da Foz), Vicente Mendonça e Um principiante (Carvalhos).
O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. José Maria da Silva, (Arcos de Valdevez).

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo das Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

CORREIO DO



PATO BIGAS, LIMITADA.—Tomel nota. Néné! Peço o especial favor de enviar sempre as charadas separadamente, em quartos de papel, e escritas dum só lado.
REI-BARRO.—Mande o que tiver para prevenir...
CAVACAS.—As duas charadas que enviou não servem. E' para admirar que o colega adivinhando quasi todas as produções do n.º 40, produza uma obra tão fraca...
Porque não procura, primeiro, aperfeiçoar os seus trabalhos?
JORGE X.—Recebi as suas produções. Os meus agradecimentos.
ROBUR.—... Emfim!... Consummatum est...
FELIZTRECO (Bombarral).—Peço a fineza de me indicar em que dicionário posso conferir rigorosamente as charadas que me enviou.
LHERY.—Sempre a modestia...
BIS-CONDES.—Lá vai a sua charada. Os colegas deixaram-me «banzado»!!! Não quererão dar-me o prazer de declinar a sua identidade?
NININHA.—Dar-me-ha muito prazer tê-la como assistida colaboradora desta secção, por isso espero o cumprimento da sua promessa enviar originaes seus, o que desde já agradeço.

ATENÇÃO

A todos os charadistas peço o especial favor de indicarem sempre nas produções a enviar, o dicionário utilizado a fim de facilitar o meu trabalho, favor que reconhecidamente agradeço.

ORALHAS

A charada n.º 15 publicada no n.º 41 que por lapso saiu firmada por Pato Bigas, é da autoria de Lhery. Na charada em verso n.º 2 do mesmo numero da autoria de Toutinegro, na segunda quadra, terceiro verso, onde se lê relampago, leia-se, relampo.
Ficam assim feitas as rectificações respectivas.

REI-FERA



VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS



SECÇÃO A CARGO DE REI-FERA

QUADRO DE HONRA

COM 25 DECIFRAÇÕES (Todas)
TOUTINEGRO, LHERY, LOPES, COELHO, ARIEDAM, REI-MORA, ERRECÉ, TIO & SOBRINHO, VASCO H. DIAS, ROBUR, BISTRONÇO, LHALINHA, LHALHÃO
CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 40

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

- 1 Livraria—2 Calva—3 Cordo—4 Alvorizo—5 Perito—6 Pequilho—7 Ate—8 Achatez—9 Moca—10 Obrigado—11 Celeuma—12 Cuidadoso—13 Apoca—14 Pontoso—15 Meace—16 Constantinopolitano—17 Cantador—18 Bolar—19 Apagar—20 Dois sobre asno, signal de bom ano.

CHARADAS EM VERSO

(Aos meus illustres colegas que colaboram nesta secção)

- (1) Meus amigos, estou velho, cansado,
farto de sofrer esta trista vida;
na alma tenho a magua dolorida,
é meu signo fatal de desgraçado.

Estou velho! apenas meio caminho andado,
é vejo já a força esvaecida!
Erros da mocidade mal vivida,
Excesso cometido, meu pecado. —2

O meu viver é um vasto aberto—3
a toda a magua: a todo o sofrimento
guardada sempre dá este meu peito.

Em vão eu clamo! vejo-me deserto,
ninguém ha já que atenda o meu lamento.
Estende-me breve, ó morte, no teu leito.

REI-VAX

[Ao Ex.º Sr. Luiz Ferreira Baptista]

- (2) Senhor Eldele Trino! Dá licença?
Vai! Não seja cruel! —2
Diga-nos, com franqueza, o que pensa
Desse nosso aranzel?
Não lhe faz, francamente, confusão
As palavras de cima?
Hein?! Não se cre em tanta indiscrição! —2
Pois é verdade... e rima!
Tenha pena de nós! Não se «exaltere»! —1
Não queira ser politico!...
Que grande incompetencia, já, nos fere
O merito raquito!...

BIS-CONDES

[Ao potentoso Bistronço, respondendo á tua difficilima Seba-Base]

- (3) A lisonja é coisa feia
em pessoa amiga, creia!
Colossal, ea
que dum plano abaixo 'stou—1
do amigo men
que bem sabe o quanto sou!

Nesse pseudo em que viveis
eu bem vejo os lins crucis!
Mofas de mim—1
sem teu nome aqui se ver.
Mas mesmo assim
eis-me pronto a responder!

Eu bem sei que é desoatada—1
a resposta assim mandada.
Amigo meu,
perdão para o que não tem
o dom do ceu
que vejo em ti e mais ninguém.

LHALHA

- (4) Tama para ti, disse o Sá—2
Um tecido apreclado,—1
Agradei. Aqui está
Mas em fructo transformado.

REI-MORA

- (5) Vae haver grande barulho,
Por causa das eleições;
Ninguém quer ir no embrulho,
E lá tem suas razões. —1

QUADRO DE DISTINÇÃO

24 DECIFRAÇÕES
A. M. C., CAVACAS
22 DECIFRAÇÕES
PATO BIGAS, LIMITADA
21 DECIFRAÇÕES
MIDA, NÉNÉ, AULEDO
18 DECIFRAÇÕES
BIS-CONDES
DECIFRADORES DO N.º 40

OUTROS DECIFRADORES:

BIO. NININHA 17, JORGE X 13,
REI-BARRO, REIROBI 12

CHARADAS EM VERSO

Eu faço a comparação,—1
Entre bonsos e canhotos,
Dizendo que todos são,
Um bando de gafanhotos.

Uns de cima outros de baixo,
Nenhum deles tem emenda:
E por causa do penacho,
Não mais acaba a contenda.

Porto

ERRECÉ

LOGOGRIFO

[Mais este para o grande confrade Bistronço]

- (6) Com agitação—8—4—5—2
Junta os pensamentos,—1—7—3—9
Sinto o coração
Cheio de tormentos.

Vendo-te tão bela
na volta da rua—5—7—6—2
chelinha d'aquella
gracinha só tua,

Não consigo ter—1—9—3—6—4
falas certas, boas
para te dizer
com' as mais pessoas.

Que o nosso amor
atingia o belo!—8—2—7
—? Mas porque factor
eu não t'o revelo?—

Juro: no meu peito
tenho amor de dura,
de pureza feito
e sem coisa obscura.

TOUTINEGRO

CHARADAS EM FRASE

[Ao confrade Errecé]

- (7) Foi ao largo, dentro da embarcação, que fizemos
a festaça.—2—2

PATO BIGAS, LIMITADA

[Ao illustre confrade Rei-Mora, com a devida venia]

- (8) A liberdade demasiada, causa pena a qualquer
ser vivo—2—1.

BISTRONÇO

- (9) Nota que o meu parente comprou uma quinta—1
—2

JORGE X

- (10) Todos temos, d'esta planta, uma semente.—1—2.

MIDA

- (11) Não trabalho sem ver o ordenado que me dão na
taberna.—1—4.

TOUTINEGRO

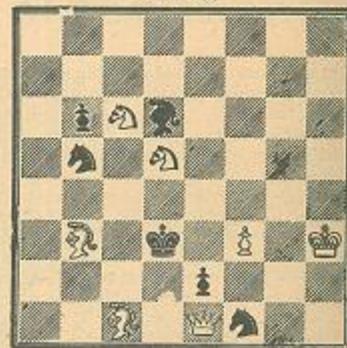


A correspondência sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literário, Rua Ivens, n.º 3

PROBLEMA N.º 41

[Por J. K. Heidon (1.º premio 1921)]

Pretas (6)



(Branças (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 39

1 B 6 C D

Este problema apresenta quatro intercepções mutuas entre Torre e Bispo.
Nos dizeres do Problema n.º 40 deve ler-se Cavalo branco em vez de Cavalo preto e peças pretas em vez de peças brancas.

CHARADAS EM FRASE

- (12) Por existires estragada é que és mulher velha e
jela—2—1

LHALHA

- (13) A mulher, numa migalha, estudou o movimentol
—2—2.

NÉN

- (14) Dois mil reis leva o homem por ensinar o officio
de carpinteiro—2—2.

REI-MORA

- (15) Aquella ave ao voar foi de encontro ao animal
que era sustido por este homem.—2—1.

TIO & SOBRINHO

- (16) Um instrumento é um instrumento, e um passaro
é um passaro—1—1—2.

Guimaraes

REIROBI

- (17) Não atravesse o rio, porque ainda ha pouco, vi
na outra margem, uma fera atirar-se a um homem!—1
—1—2.

AFRICANO

- (18) Nesta planta e naquella outra planta, não convem
mecher, não vá o feitor meter-nos em enredos—2—2.

LHERY

[Ao Dropé para lhe arrelliar a paciencia...]

- (19) Com os marmelos e com os pecegos fazia um
ômo doce, se não tivessem carço...—1—1.

REI-VAX

ENIGMA

(Por silabas)

A prima com a segunda
Em tres e quatro ha-de achar,
Dê atenção, não confunda
Não vale desanimar.

Segunda e terça; animal
Que foge p'ra terça e prima;
Quatro e dois; Deusa infernal
De Jupiter concubina.

Puxe por terça e final
Mas sem fazer cara tôla,
Se a não mata, é natural
Não ter fostoro na bóia.

Consulte pois o Moraes,
O Roque e o Figueredo;
Se mais tiver, leia mais,
E que o livrem do bruxedo.

REI-MORA

PUBLICIDADE

BRISTOL
CLUBO melhor
de
todosO melhor **O. M.** A melhor
automovel  :: marca ::

O unico automovel bom

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças alejadas
em Berlin-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos
e articulações — Deformidades e
paralysias em creanças e adulto.

ÀS 9 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º LISBOA

TELEF. N. 908

FOTOGRAVURA
NACIONAL L.ªRua da Rosa 273
LISBOA
TEL-NORTE-3538

BREVEAMENTE A

A Novela do DOMINGO

O melhor vi-
nho de meza
é o COLARES
BURJACAS

JOALHARIA E OURIVESARIA

PRATAS ARTISTICAS

Marianno Costa

245, RUA AUREA, 247

TEL. 2393 C.

LISBOA

Não se iludam

Use o conhecido e precioso sabonete **CRÈME CAL-**
J. S. SANTAS, de L'AGUIAR, descobridor e ex-
concessionario da «Agua Caldas Santas», autor e pro-
prietario de todas as formulas dos productos **CALDAS**
SANTAS e **LUCY**. Frisar sempre a palavra **CRÈME**
para não confundir com o sabonete **CALDAS SAN-**
TAS, confusão que não se deseja. A venda em toda a
parte.—Deposito geral: **BRAZILIAN FLORA**, Ro-
cio, 23, 1.º—Telefone Norte **4829**.—Requisitem o
livro descriptivo scientifico.PASTA DENTIFRICA **CALDAS SANTAS**

ESPIRITA

TUDO consegue rápido, faz e desman-
cha casamentos, resolve todos os nego-
cios, etc.; trata com seriedade. Pelo cor-
reio enviar dez escudos; consultas das
10 ás 19 horas.

RUA DO SOL AO RATO, 215, 3.º

JAPONIKA

É o melhor e o mais antigo esmalte
Agentes geraes para Portugal, Ilhas e Colonias**Chemical Produces
Ltd.**

RUA DA MADALENA, 45, 1.º

LISBOA

C. 4374

OS APARELHOS FOTOGRAFICO

"CONTESSA NETTEL"

CONTINUAM A BATER O RECORD

DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.ª

Rua Garrett, 58

TRABALHOS PARA AMADORES

O DOMINGO

ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

FUNERAES

Dos mais simples aos de maior pompa

Mario Augusto da Silva Milheiro

131, RUA DOS ANJOS, 133

LISBOA

Trasladações para todos os cemiterios,
provincia ou estrangeiro. Urnas, armações, corôas, etc.

Funeraes dos hospitaes, morgue e particulares

TELEFONE 1094 N.

PREÇOS REDUZIDOS

Chamadas a toda a hora

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO

AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL
ESC. 48.000.000\$00CAPITAL REALISADO
ESC. 24.000.000\$00RESERVAS
ESC. 94.000.000\$00FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Cas-
telo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da
Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto,
Regoa, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-
Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda,
Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Malange, Novo Re-
dondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane
Moçambique e Ibo.

INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA:—Macau.

TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE,
ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL RESTANTES PAIZES
ESTRANGIEIRO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAHHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ilustrado

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
E STRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NÃO FAZ CAMPANHAS - PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA - NÃO TEM POLITICA



CAVALEIROS DE PORTUGAL!

O CIRCUITO HIPICO DE PORTUGAL

A MONUMENTAL INICIATIVA DO "DIARIO DE NOTICIAS"

Do mais largo alcance patriótico e do mais arrojado espirito de iniciativa, é o grande empreendimento a que o *Diario de Noticias* mete os ombros, conseguindo envolver num abraço de comunhão, toda a terra portuguesa. Portugal inteiro vibra e acompanha neste momento os cavaleiros de Portugal!